

A Declaração dos Dezasseis

Absoluto e Relativo

Isto é um comentário breve e tardio a uma declaração colectiva do mês de março.

Sein pretendermos resumir algumas linhas os nossos princípios, diremos: Para o anarquista, toda a discussão atinge a «questão social»; esta provoca em todos os países uma «luta de classes» de formas similares, mas a sua nitidez é obscurecida por conflitos ácerca de religiões, línguas e «raças» e pela animosidade entre as nações, mantida pela sua historia toda feita de guerras. O fim do anarquista era, por um lado, apresentar um quadro do futuro, tendo o individuo o agrupamento comunista ao seu serviço, e por outro lado, combater as instituições governamentais e, entre estas, o militarismo.

E' na sua propria essencia que nós o temos condemnado, sem querermos distinguir entre as modalidades suíças ou prussianas, chinesas ou francesas. A propaganda libertaria de cada país illustrava as suas afirmações com exemplos nele tomados; e só muito prudentemente podia estigmatizar os defeitos das hierarquias estrangeiras, temendo sempre exacerbar as paixões nacionais em vez de as atenuar. De modo que chegavamos a este paradoxo logicamente derivado do nosso combate de idealismo: Atacar violentamente o militarismo onde os anarquistas eram mais audaciosos, onde tinham uma imprensa mais rica e uma tribuna mais livre; e criticá-lo tímida ou clandestinamente onde o espirito libertario era menos vigoroso, a legislação mais severa e elle mais perigoso.

Hoje, porém, isso que importa? A nossa voz tem pesado nos acontecimentos como palhinha em borrasca. Temos sido vencidos quando esperavamos, contra toda a esperança, que o proletariado internacional fosse bastante consciente para impor a paz ao mundo; termos sido esmagados, não prova que errassemos em havermos proclamado um ideal.

A nossa propaganda colocara-se no «absoluto», longe das individualidades e dos compromissos, não ignorando, porém, nós que tudo é «relativo». Eu por mim afirmo:

não se pode negar que os diferentes países atravessam estadios diferentes na evolução de cada uma das instituições humanas; a geografia primeiro que tudo e depois a historia de cada povo, criaram-lhe uma mentalidade especial. Direi por exemplo: a expressão «liberdade do individuo» tem na Alemanha uma significação diversa da que tem na Gran-Bretanha, onde, em resultado dos seculos de lutas que tem tido os seus periodos de acuidade extrema, o homem adquiriu a pratica duma certa independencia e por vezes levanta contra o Estado as «objecções da sua consciencia.» Os direitos igualitarios do cidadão são melhor comprehendidos pelos descendentes dos revolucionarios de 1789, do que pelos alemães; a memoria de 1830, de 48, de 71, do «Affaire» prova a que ponto certos acontecimentos interiores ou exteriores impressionam a opinião publica e como o francês está, por assim dizer, habituado a pôr a sua vida em jogo para obter a reparação duma injustiça. Na Italia o martirologio dum seculo de conspirações, motins e guerras, as epopeias dum Garibaldi, a sublevação das mulheres de Lombardia impedindo a continuação da guerra da Abissinia, essas emoções frequentes criaram na Peninsula uma atmosfera particular, que só ao norte dos Alpes provoca zombarias. O povo russo, ainda todo incendiado pelas recordações dum periodo agitado, tem um poder de movimento libertador muito maior que o dos habitantes dos Imperios Centrais, e a grande pratica que êle tem de fraternidade permite tudo esperar do futuro do mujik... As grandes palavras causam aqui um estremecimento, acolá um sorriso.

Certamente a Alemanha teve o seu belo periodo, o dos Goethe e dos Beethoven, aquele em que a nação inteira sublevada abateu um potentado que aspirava á dominação universal; teve tambem veleidades em 1848, mas quão fugazes! Desgraçadamente, a gloria de 70 perverteu tão profundamente todas as classes da sociedade, que as aspirações humanitarias se desviaram num sentido nacionalista. As grandes qualidades do trabalhador alemão são inegaveis, mas, sob o ponto de vista do desenvolvimento do espirito humano, as suas virtudes estão encobertas pelo servilismo que lhe souberam inculcar os seus «Chefes».

De ha vinte anos para cá, temos frequentemente assistido ao desagradavel espectáculo dos Congressos socialistas discutindo o militarismo; neles se atacavam de frente

o «senso pratico» dos sociais-democratas e as «fantasias» dos revolucionarios occidentais, depois uma ordem do dia, obra prima da politica, punha termo ao conflito com uma declaração votada por unanimidade. Antes de Julho de 1914, os anarquistas não tinham muitas illusões sobre o valor internacional dos famosos «quatro milhões de eleitores», mas apesar disso não previam que o «Partido» se aniquilaria tão subitamente e tão completamente atrás de clarins e tambores.

Ao lado das Massas vemos as Classes. Um exemplo bastará: a diferença entre os partidos nacionalistas da França e da Alemanha. Fazei o paralelo entre Deroulède e Treitschke; comparai as reivindicações do primeiro á voracidade do segundo!

As «altas esferas» das Grandes Potencias tambem não teem mentalidades que estejam no mesmo estado de desenvolvimento. Sim, eu sei, todos os governos aliados teem cometido actos que verberámos em devido tempo; sim, tem havido e ha appetites... Mas da cobiça ao saque vai uma certa distancia. Ora, foi a diplomacia austriaca—e nenhuma outra—que redigiu esse ultimatum, do qual nenhuma boa vontade imaginavel podia impedir que resultasse uma guerra europeia. Foi o governo alemão—e nenhum outro—que lançou os seus exercitos através da Belgica. Foi o estado maior de Berlim—e nenhum outro—que proclamou a crueldade necessaria para com as populações civis e ordenou as execuções em massa, os incendios sistematicos, o torpedeamento dos navios de passageiros. Acentuarei em favor das qualidades individuais alemãs que essas ordens não terão sido cumpridas por toda a parte.

Declaro-o em minha alma e consciencia: Só os imperios do Centro ousaram sair da Paz armada para a Guerra; êles foram amadurecendo a decisão de substituir um equilibrio aproximativo das Potencias pela sua propria hegemonia sobre o continente europeu, primeiro passo para a dominação universal.

E a Alemanha era no entanto o Estado que a organização capitalista do trabalho enriquecia mais rapidamente. A actividade do seu povo, os metodos dos seus sabios, a iniciativa do seu comercio, a coordenação dos esforços de todos submetiam pouco a pouco todos os mercados á sua influencia. Especialmente, em face da França e da Russia,

ela podia mostrar uma melhor utilização do seu solo, uma industria mais scientifica, cidades mais populosas, uma expansão mais audaciosa; ela podia voltar contra nós o argumento da Inglaterra contra os Boers... Mas ser senhora de facto não lhe bastava; á vitoria economica pensou em ajuntar a vitoria politica.

Admitamos isto: a Alemanha estava menos afastada dum certo ideal do que a França do seu. E isso comprehende-se. Fazer funcionar um grupo humano pela obediencia dos subditos que nunca agiram por êles proprios, é mais facil do que obter a disciplina voluntaria de homens que conhecem o preço da liberdade. Sem duvida, estes principios absolutos não quadram completamente com a totalidade dos factos, mas que estas sejam as tendencias das nações em presença não se pode negar. E estas tendencias explicam do mesmo passo a perfeição do sistema alemão e a critica que nós lhe fazemos.

Limitando-me ao ponto de vista relativo, vejo uma diferença entre a faculdade de acção do individuo no Estado alemão, sobretudo suposto victorioso, e a sua faculdade de acção nos Estados aliados,—diferença infima, sem duvida, vista de Sirius,—diferença enorme para o habitante do nosso planeta,—diferença que contém as conquistas feitas pelos nossos pais em seculos de lutas.

A propaganda pelo absoluto, a marcha para a Estrela, foi indispensavel e voltará a sê-lo; ela cria um ideal em cada consciencia. Não a acho mais justificada quando a nossa porção de humanidade está empenhada numa guerra de que depende o seu futuro immediato. Será escrava ou poderá continuar a progredir para a liberdade? Tal é a questão do momento e a totalidade dos esforços de todos não é inutil para assegurar a resposta. Tenho amigos lá; aqui tudo está longe de me agradar; mas tendo notado que, para qualquer fracção, o conflito actual é uma fase da luta eterna entre a Autoridade e a Consciencia, não me conformo com a ideia de permanecer espectador desinteressado. Separo-me daqueles que se julgam acima da vil multidão.

A guerra é criadora de problemas novos que se juntam aos problemas antigos. A custo entrevemos agora as questões que surgirão amanhã e decerto não será possivel resolve-las todas no sentido do idealismo de que estamos impregnados; mas a obra das gerações anteriores garante

a dos franceses de hoje e a das gerações futuras. A força interior de cada um dos países aliados será suficiente para contrabalançar as ameaças do seu nacionalismo particular; o homem que tiver vencido o Cesar alemão não se deixará submeter; aquele que tiver escapado á morte no campo de batalha será severo no regresso.

Cada passo do homem para a independencia tem sido pago com rios de sangue e não vemos ainda se aqueles que correm agora poderão corresponder a um progresso.

Entretanto parece-me aperceber um clarão: um menor desconhecimento entre homens, vindo de todos os pontos do globo; estão-se formando laços cujo valor mais tarde aparecerá. Por mim, recordar-me-ei sempre da conversa que tive em Orleans com um bengalês que me falava da sua admiração pelo caracter do habitante da França.

Furiosos contra as instituições que causam tais carnificinas, de lagrimas nos olhos ante tantos amigos mortos, sem odio para o inimigo que cai e decididos a reconciliar-nos com os sobreviventes, nós vemos, quando menos, precisar-se, tornar-se mais clara e exacta, uma fraternidade enfre os homens que pensam do Universo.

Bussang, Junho de 1916.

(La Bataille — Paris).

PAUL RECLUS.

